AS ENVENENADORAS

JOÃO AURELIANO

(Docente de Direito Penal)

Entre os crimes de homicídio cujo conhecimento tem chegado á Côrte de Apelação, mediante recurso judiciario interposto das comarcas do interior do Estado, figuram diversos praticados por mulheres e, quasi sempre, por meio de envenenamento, como é comum na delinquencia feminina, sendo um deles cometido na pessoa do genro da autora — ai dos genros — e dois contra os proprios maridos. *Vae meritis!*

No fôro do Recife acham-se em curso dois processos instaurados por crimes desse genero, praticados pelas mulheres Arcelina e Maria Odete. A primeira, de acôrdo com o amante, envenenou o marido, ministrando-lhe arsenico numa das refeições. E, quando apareceram os primeiros sintomas do toxico, ela prepara uma chicára de chá, em que propina, perversamente, nova dóse daquela substancia.

Presa, confessa o crime, não apresentando nenhum sinal de arrependimento ou piedade pela vitima.

A segunda, tambem com o emprego do arsenico, matou o marido poucos dias depois de casada. Confessou piamente o ato delituoso.

Aliás, tem-se verificado que a mulher mata de preferencia com os toxicos, em virtude da facilidade que ela tem em manejar substancias venenosas, que mistura aos alimentos no correr de suas occupações do-

mesticas e, principalmente, porque, deste modo, não se expõe ás emoções do crime sangrento que repugna á sua natureza, em face de impressões intensas. Não obstante empregarem, algumas vezes, o punhal e o revolver na pratica de seus delitos, o que, todavia, constitue casos excepcionais.

E' de notar que, nas especies julgadas pela nossa Côrte de Justiça, o toxico empregado foi o arsenico, que aliás vem sendo usado nestes crimes praticados pela mulher desde remotas épocas, como se observa na história das celebres envenenadoras.

A esse tempo, explicava-se a preferencia pelas dificuldades de se encontrarem vestígios deste toxico nas visceras das vitimas, devido ao estado ainda rudimentar em que se achava a toxicologia. De sorte que esse toxico era considerado mysterioso, e os crimes praticados com o seu emprego ficavam quasi sempre impunes, á falta de provas.

Henri Robert, membro da Academia franceza de letras e antigo *batonnier*, ao examinar alguns desses dramas judiciais, como os da marquezia de Brinvilliers, talvez o mais celebre, escreve, firmado em Funck — Brentano (*Le Drame des Poisons*), que esse veneno mysterioso empregado com frequencia na delinquencia feminina, era simplesmente o arsenico. Ainda desconhecido dos medicos que se confessavam impotentes para encontrar os seus traços, ele devia oferecer aos criminosos uma tentação tanto mais forte quanto lhes assegurava quasi sempre a impunidade.

Hoje, porém, o seu emprego encontra explicação na maior facilidade com que se adquire o toxico, sob o pretexto de eliminar animais daninhos, os ratos, por exemplo, motivo que serviu de excusa a Maria Capelle, a Rachel Galtié e outras homicidas, quando envolvidas em celebres processos judiciais.

E, como a ciencia toxicologica dispõe atualmente de eficazes processos nas suas pesquisas tendentes á elucidação da justiça, as envenenadoras têm sido encarceradas, como foram as rés dos processos a que me reportei acima, si bem que o malfadado tribunal do jury, em suas desvairadas decisões, as tivesse absolvido e posto em liberdade.

Entretanto, a instrução criminal dos aludidos processos, como ocorre sempre entre nós, devido á falta de cultura especializada de nossos juizes, não oferece pro-

vas suficientes acerca de circunstancias importantes dos fatos delituosos, bem como sobre o estado físico e mental das assassinas.

Como se ha frequentemente observado, quasi todas as envenenadoras são histéricas, algumas das quais em estado psiquico que as excusa da imputabilidade criminal .

Com efeito, as estatísticas criminais, quanto á delinquencia da mulher, accusam um coeficiente mais ou menos elevado de crimes de envenenamento praticados pelas histéricas, com uma frieza, uma anestesia moral, um requinte de crueldade, ostentando no assassinio dos proprios parentes mais proximos, que são verdadeiramente revoltantes.

Os alienistas que estudaram o caráter histórico em relação com os atos delituosos (René Charpentier e Ernest Dupré especialmente) observam que ha, sem duvida, um nexó entre o estado mental das histéricas e a psicologia dos crimes de envenenamento, de modo que é logico se concluir que o veneno é a arma preferida pela histórica homicida.

Entretanto, afigura-se a alguns alienistas que a perpensão do caráter, as desordens afetivas, a crueldade que assignalam essa especie de delinquentes, não provem do caráter histórico propriamente dito, mas das associações mórbidas, como a loucura moral que, por vezes, se alia á psico-nevrose histórica. Além de que, o circulo da histeria está hoje muito restrito depois dos estudos de Babinski acerca desta nevrose.

Ocupando-se destas associações patológicas, no sentido de fazer a distincção enter os alienados criminosos, Henri Collin, num trabalho *Les aliénés criminels* (Psychiatrie, vol. VIII, da Coleção Emilio Sergent), pondera que nas histéricas as tendencias viciosas não são observadas em todos os doentes, emquanto que, por outro lado, se ha verificado episodicamente nos loucos morais (anormais) perversos, segundo a sua denominação), crises convulsivas de natureza epilética, como histórica.

E accrescenta que, sob certos aspectos, as histéricas são criaturas completamente diversas dos loucos morais, e, emquanto estes possuem uma sensibilidade muito embotada, aquelas mostram-se impressionaveis em excesso e muito suscetiveis de receberem as influencias exteriores.

Em verdade, a mentalidade histérica manifesta-se, em geral, na mitomania, nos disfarces, nas simulações, no espirito romanesco, nas vaidades mórbidas, na teatralidade dos gestos e das atitudes, etc. As suas reações criminosas não passam, em regra, das calúnias, testemunhos falsos, denúncias mentirosas de atentados á honra, tentativas simuladas de suicidio, difamações grosseiras, tudo temperado com muito embuste, muita simulação e exposto com lucidez aparente que a essas farças dá um cunho de verdade surpreendente.

As cartas anonymas constituem a arma prediléta da histérica caluniadora.

São celebres os processos provocados por mlls. Morel e Laval, a primeira ha muitos anos e a segunda em 1922, na França. Em consecuencia da denuncia caluniosa feita pela filha do general Morell, o tenente Roncière foi condenado á pena de 10 anos por atentados ao pudor e injurias. Angela Laval foi, ao contrario, sentenciada pelo Tribunal de Tulle num processo em que as cartas anonimas por ela escritas atingiram ao avultado numero de mil, todas traçadas com um tipo gráfico especil, o que constituiu propriamente um "estado segundo de escritura", conforme afirmou o dr. Edmond Locard, diretor do gabinete medico-legal de Lyão, que fôra encarregado de examinar as referidas missivas, como perito nomeado no respectivo processo. Algumas dessas cartas continham as mais grosseiras e violentas difamações assacadas, por vezes, contra a propria pessoa da missivista. Mas, não ha duvida que nos assassinatos por envenenamento praticados por histéricas, as mais estranhas perversões do caráter, as desordens da afetividade, a hiperalgia moral, o cinismo, a impiedade, a ausencia de remorsos e de afétos exteriorizam-se concomitantemente com aquelas manifestações atribuidas ao caráter histérico e delas são inseparaveis.

Pouco importa pois, que estes estigmas psicicos façam parte da phisionomia monstruosa dos loucos ou indigentes morais, constituindo associações mórbidas que degeneram ou pervertem a personalidade histérica, onde são tambem observados.

Deste modo, não julgo razoavel o conceito daqueles que dizem que na associação histero-degenerativa, não é a histeria que determina a eclosão do crime, mas tão somente a degenerescencia aliada á neuro-psicose.

Reponta, é certo, duvida sobre se, na criminalidade

da histórica, é a degenerescencia que gera o crime, ou se a histeria. Seria plausivel attribuir a ambos os factores reunidos na mesma personalidade tarada. Mas, collocada a questão sob este aspecto, a ninguem é dado distinguir, com precisão, os fatos anti-sociais que provêm da neuro-psicose, dos que emanam dos estados mórbidos, e caso a ela associados. Tanto mais quanto a constituição histórica pura é uma raidade patologica, conforme observaram os alienistas francezes Dide e Guiraud, nas suas experiencias procedidas nos azilos de doenças mentais, de que são directores.

Todavia, é racional ponderar, neste sentido, com o grande alienista E. Régis que, no caso de se pretender relacionar os crimes das históricas com a degenerescencia coexistente, não se pode deixar de fazer o mesmo em relação aos epiléticos, que são frequentemente degenerados. Então, não haveria mais delinquencia de históricas nem de epiléticos, mas tão somente de degenerados. Mas a verdade é que, na delinquencia dos históricos e epiléticos, é inegavel a influencia dessas nevroses na produção dos crimes, quaisquer que sejam os aspectos em que elas se manifestam.

O professor Henri Claude, em livro ultimamente publicado — *Psychatrie medico-legal*, inclue entre as reacções anti-sociais da histeria não somente as acusações fantasistas, as denuncias caluniosas, os furtos e os incendios, mas tambem os envenenamentos criminosos.

Com efeito, nos antecedentes, na maneira de delinquir e nas atitudes das históricas envenenadoras, observados durante a instrução de seus crimes, como nas sessões de julgamento, o que mais se salienta é o carácter histórico, com suas mentiras, os seus embustes, as suas maldades, os seus disfarces, os seus géstos teatraís, tudo revelando o cunho especial da psicología dessa especie de desequilibrados. E, se a malignidade, as perversões do carácter, a anestesia do senso moral que demonstram na premeditação e execução de seus crimes, se equiparam á malvadez e á crueldade dos amoraes perversos, o certo é que a mentalidade histórica domina o quadro, pondo em relevo os negros perfis dessa classe de delinquentes. No emtanto, para os objetivos da justiça punitiva pouco importam estas controversias levantadas quanto ao contingente que, na patogenese do crime, fornece a histeria ou as taras nevropáticas porventura a ela associadas.

Porquanto, ao magistrado instrutor do processo bastam os esclarecimentos fornecidos pelo exame físico e mental, adicionados das circunstancias de que se revestiu o fato delituoso e das provas colhidas no processo, para o fim de saber se nas especies *in judicium* concorreram as condições essenciais á imputabilidade criminal.

Ha casos em que a histérica revela um caráter tão pervertido, na pratica de seus crimes, que o clamor publico, influindo talvez no espirito dos juizes, tem levado esses delinquentes degenerados á guilhotina.

São os casos celebres na França e nos Estados Unidos, da marquêsa de Brinvilliers, parricida e fraticida, com o emprego de doses fragmentadas de arsenico; da enfermeira Jane Topan, que matou envenenada 31 pessoas, visando "um estudo científico", como declarou; de Maria Jeanneret, assassina de 9 de suas amigas, das quais costumava guardar, como lembranças, u'a mécha de cabellos.

Na etiologia desses crimes não pode deixar de haver um fator patogenico determinando tão horriveis atentados á vida humana. De maneira a justificar as opiniões emitidas por Emilio Tanzi e Krafft-Ebing, ao escrever o primeiro (*Psiquiatria forense*) que todo o ato do grande criminoso nos causa a impressão de um enigma psicológico e a diagnóstico de uma anomalia mental é a unica solução possível. E o segundo (*Medicina legal dos alienados*) ao ponderar que é preciso admitir um fundo patológico nesses atos monstruosos e não uma simples mania de envenenamento, como entendiam, ingenuamente, os antigos autores, quando interpretavam estes fatos criminosos.